

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO VIII, Nº 241 - MAIO - PORTO VELHO, 2009.  
VOLUME XXV - Maio/Agos  
ISSN 1517-5421

Desenho da Capa: Flávio Dutra

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - PUC-RGS  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES  
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**241**



**O Argumento Luciferiano em Nietzsche**

Celso Ferrarezi Junior



Celso Ferrarezi Junior

Pós-Doutorado em Semântica. Professor da Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brasil.

**Resumo:** Embora Nietzsche arrogue para sua obra, em vários ocasiões, uma originalidade absoluta, na verdade é ela perpassada por uma linha mestra - que pode ser chamada de argumento luciferiano – que aparece registrada na Bíblia há mais de três mil e quatrocentos anos. Da mesma forma que em Nietzsche, o argumento luciferiano primordial se fundamenta na idéia de que a aceitação da existência de Deus inibe a completude das Suas criaturas. O presente artigo não apresenta um juízo de valores sobre o argumento luciferiano, mas apresenta sua ocorrência na Bíblia e sua recorrência em Nietzsche.

**Palavras-Chaves:** 1. Filosofia. 2. Teologia. 3. Nietzsche. 4. Argumento luciferiano. 5. Super-homem (Übermensch).

0. Apresentação: Nietzsche por Nietzsche.

Provavelmente, não haja na história da Filosofia algum outro autor que tenha escrito um livro no formato de *Ecce Homo* (EH), como Nietzsche o fez. Constituindo-se, primordialmente, como uma apresentação de sua própria excelência e da de seus livros, *Ecce Homo* pode ser visto, numa primeira e rasa percepção, como um exercício de narcisismo doentio de uma mente em decadência. Mas, o livro é muito mais do que isso. Também, é muito mais do que uma mera autobiografia embora, já no primeiro parágrafo, Nietzsche afirme: “E assim eu me conto a minha vida.” (EH, p.21)

Realmente, o livro transpira decadência: não há mais o estilo harmonioso e fluente de Nietzsche, as frases poderosas tornaram-se raras, o livro é marcado por repetições desnecessárias e divagações quase inúteis, além de ser recoberto por um amargor que não aparece nas obras da fase áurea do filósofo que se dizia polônês, como em *Assim Falava Zaratustra* (AFZ), esta aliás, reconhecida por ele como seu legado maior à humanidade:

“Entre minhas obras, o meu Zaratustra ocupa um lugar à parte. Com ele dei à humanidade o maior presente que lhe foi dado até hoje.”(EH, p.18)

Mas, longe de ser um exercício de narcisismo, *Ecce Homo* é a pintura impressionante do desespero de um homem pelo reconhecimento de si mesmo – e, conseqüentemente - da missão que ele a si atribuiu, a missão de mudar completamente o mundo. Nos capítulos em que ele se dedica a caracterizar-se como o mais inteligente e o mais sábio de todos os homens antes e depois dele, Nietzsche se define como sendo detentor de uma divindade que pareceria negar sua própria origem humana, não fosse a citação sobre o fato de que ele representa uma raça quase extinta de homens superiores:

“Eu sou um nobre polonês pur sang, no qual não se misturou uma gota sequer de sangue ruim, muito menos de sangue alemão . Quando eu procuro o mais profundo dos antagonismos a mim mesmo, a baixeza incalculável dos instintos, eu sempre encontro minha mãe e minha irmã – acreditar no parentesco com uma canaille do tipo seria uma blasfêmia contra minha divindade.”(EH, p. 29)

“Ter-se-á que voltar séculos no tempo para encontrar essa mais nobre das raças que jamais existiu sobre a terra, na proporção livre dos instintos em que eu a represento.”(EH, p. 30)

Na verdade, a idéia de que Nietzsche é e representa o que há de mais elevado na humanidade perpassa todo o livro. Isso fica claro na afirmação que segue, em que ele fala das coisas que escreveu em certo período da vida:

“Coisas que nenhum ser humano é capaz de fazer depois de mim, imitando... ou de fazer antes de mim, fingindo.” (EH, p. 67)

O interessante nessa caracterização de si mesmo como o mais sábio, o mais inteligente e, no final do livro, como “um destino” é que Nietzsche utiliza os argumentos mais prosaicos para justificar sua grandeza. Além de atribuir sua sabedoria e inteligência ao fato de ter um instinto peculiar, ele atribui o resultado insuperável de ser humano que ele diz representar a coisas como sua alimentação, lazer, clima, lugares em que morava e escrevia, leituras e não-leituras, vontade própria, etc., eliminando qualquer relação de sua grandeza com uma suposta força divina exterior. Ele diz;

“Essas pequenas coisas – alimentação, lugar, clima, recreação e toda casuística do egocentrismo – são mais importantes – quaisquer que sejam os conceitos – do que tudo aquilo que foi tido como importante até o momento.” (EH, p. 65)

“Tudo aquilo que foi tido como importante até o momento” é uma referência direta - e repetida muitas vezes no transcurso do livro - a tudo aquilo que se acreditou ser verdade até Nietzsche, ou seja, que a grandeza verdadeira do homem vem da moral e é comunicada por Deus. Em relação a isso o filósofo introduz o conceito de “décadence”, que se resume a tudo que se opõe ao que ele chama de “naturalidade” da vida. Para Nietzsche, o cristianismo e o próprio Deus são representantes desse espírito de “décadence”, porque defendem a humilhação, a negação de si mesmo e dos prazeres corporais, a humilhação como virtude, entre outras coisas que Nietzsche considerava antinaturais e, portanto, descabidas. E é nesse ponto, em especial, em que Deus é acusado de ser o maior empecilho para a própria existência humana plena:

“Qual foi a maior objeção à existência feita até hoje? Deus...” (EH, p. 54)

Essa posição assumida por Nietzsche acaba colocando-o na posição de um igual-a-Deus. Isso porque, a partir do momento em que ele afirma ser Deus um empecilho à vida e afirma ser ele próprio o detentor da verdade jamais conhecida pela humanidade e necessária à sua reconstrução num “formato” superior, ele se coloca diante dessa mesma humanidade como um novo deus. Ele afirma, em certa passagem:

“O ato de tomar em suas mãos um livro meu – eu suponho que, inclusive, ele tire as sandálias para fazê-lo.” (EH, p. 69)

O que é uma referência direta à ordem de Deus a Moisés em Êxodo 3, verso 5:

“Deus continuou: Não te chegues para cá; tiras as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.”

Essa disposição de Nietzsche em ser visto como um igual-a-Deus se repete em várias passagens de suas obras, principalmente naquelas em que ele fala de sua disposição e preparação para governar o mundo no lugar de Deus, uma vez que, para ele

“Esse Deus antigo já não é vivo; está morto e bem morto.”(AFZ, p. 219)

E, embora essa seja uma fala atribuída a Zarathustra, Nietzsche nunca negou – muito pelo contrário – sua identidade com o personagem que ele criou:

“... pode-se, sem a menor consideração, colocar o meu nome ou a palavra Zarathustra... (no texto que fala de Wagner)” (EH, p. 87)

Em outra passagem, Nietzsche se apresenta assim:

“Aquilo que eu hoje sou, onde hoje estou – em uma altura na qual eu não falo mais através de palavras, mas sim através de raios.” (EH, p. 94)

Essa pintura de si mesmo pode ser vista como referência a Zeus, o deus maior da mitologia grega (ou Júpiter, na mitologia latina), que era o deus do raio e do trovão, mas seria mais próprio vê-la como uma provocação e uma referência direta ao Deus hebraico, no alto do Sinai, conforme se vê em Êxodo 19: 16 a 18:

“Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões e raios, e uma espessa nuvem sobre o monte, e foi mui forte clangor de trombetas, de maneira que todo o povo que estava no arraial estremeceu. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Todo o monte Sinai fumegava, porque o senhor descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente.”

Entretanto, é imprescindível notar que Nietzsche não quer ser um igual-a-Deus no mesmo formato em que ele vê o Deus de Israel. Ele quer ser um deus que permita – contrariamente ao que ele crê que o Deus do cristianismo faz - aos homens o crescimento e a auto-superação. Nesses termos, Nietzsche se identifica de duas formas: primeiramente, como o Anticristo, aquele que nega a Deus - e conseqüentemente a Cristo – e aos valores do cristianismo, principalmente os de caráter moral:

“Eu sou o antiasno par excellence e por isso um monstro histórico-universal – eu sou, em grego, e não apenas em grego, o Anticristo.” (EH, p. 74)

“Eu sou o primeiro imoralista.” (EH, p. 93)

A segunda é a identificação com Dioniso, deus grego do vinho e da noite, um deus dançarino e alegre, segundo Nietzsche, que prezava pela vida e por seus prazeres, mas, acima de tudo, um deus incapaz de dizer “não” ao homem. O filósofo assim se descreve:

“o problema daquele que tem a mais dura, a mais terrível visão da realidade, que pensou o “pensamento mais abismal”, mas apesar disso não encontra nesse fado qualquer objeção à existência, nem mesmo contra seu eterno retorno – mas vê nele, muito antes, um motivo para ser, ele mesmo, o sim eterno a todas as coisas, “o monstruoso e ilimitado dizer-sim e amém”... Mas isso é a idéia de Dioniso mais uma vez.” (EH, p. 122)

E, para não deixar dúvidas, ele encerra o livro com a seguinte afirmação:

“– Fui compreendido? – Dioniso contra o crucificado...” (EH, p. 154)

Na construção crescente de sua imagem em *Ecce Homo*, finalmente, Nietzsche se apresenta como a única alternativa à humanidade:

“Só eu é que alcancei ter o parâmetro para a “verdade” nas mãos, só eu é que posso decidir. Como se em mim tivesse crescido uma segunda consciência, como se em mim “a vontade” tivesse acendido uma luz sobre a pista torta, sobre a qual o parâmetro até hoje apenas corria abaixo... A pista torta – ela era chamada de caminho para a “verdade”. É chegado o fim para todos os impulsos sombrios.” (EH, p. 132)

Como esse outro deus, como um igual-a-Deus que teria o poder de demolir e reconstruir, Nietzsche fala sobre sua “missão”, afirmando-a claramente em diversos trechos de *Ecce Homo*, como os que seguem:

“... pelo fato de eu estar destinado a representar tarefas grandiosas.” (EH, p. 65)

“... aquilo que virá após mim, uma revolução e uma reconstrução sem igual.” (EH, p. 66)

“ter entendido seis frases desse livro (AFZ)- isso quer dizer, vivenciá-las – já elevaria a um nível mais alto da escala mortal, mais alto do que homens “modernos” jamais poderiam alcançar.” (EH, p. 70)

“Minha tarefa de preparar para a humanidade um momento de suprema tomada de consciência.” (EH, p. 105)

“Redimir o passado e transformar tudo aquilo que “era uma vez” em “era assim que eu queria!” – apenas isso seria redenção para mim.” (EH, p. 125)

Para que pudesse realizar essa missão, o filósofo se definia como um guerreiro, alguém que precisava fazer todas as guerras necessárias e sem culpa, primeiramente contra Deus e a moral, por conseguinte contra o cristianismo e toda forma de idealismo e, finalmente, contra aqueles homens que não compreendessem a grandeza desse novo ideal. Nas palavras de Nietzsche, esse guerreiro assim se caracteriza:

“ A minha maneira de ser é guerreira.” (EH, p. 37)

“Um filósofo que é guerreiro também desafia os problemas a duelar com ele. A tarefa não é, absolutamente, se tornar senhor sobre as resistências comuns, mas sim sobre aquelas que exigem que a gente acione toda a força, toda a flexibilidade e a maestria nas armas – subjugar inimigos iguais.” (EH, p. 38)

Em primeiro lugar, depois de compreender que Nietzsche se colocava como um igual-a-Deus, pode-se perceber que “subjugar inimigos iguais” se refere, basicamente, a subjugar o conceito de Deus e todas as suas implicações entre a humanidade, até porque o pensador já havia sobejamente exposto sua superioridade sobre todos os homens, logo, caracterizando a total impossibilidade de que houvesse entre os mortais um que lhe fosse um “inimigo igual”. Isso fica mais claro quando Nietzsche apresenta as quatro características desse guerreiro. São elas:

“Primeiro: eu apenas ataco coisas que são vitoriosas.” (EH, p. 38)

Com base nessa característica, o próprio Nietzsche apresenta seu inimigo quando fala dos conceitos que ele precisava combater para redimir a humanidade: Deus, alma, pecado, livre-arbítrio, ausência-de-si, homem bom, entre outros. A respeito deles, o filósofo afirma que foram transformados em idéias vencedoras no meio dos homens, que tomaram conta da humanidade e que precisam ser destruídas. A segunda característica assim é apresentada:

“Segundo: eu apenas ataco coisas contra as quais jamais encontraria aliados, contra as quais tenho que me virar sozinho.” (EH, p. 38)

A referência aqui parece ser, claramente, Deus e o cristianismo, que eram, à época de Nietzsche forças hegemônicas na Europa, mesmo após a Revolução Francesa e seus ideais anti-religiosos. Sobre a terceira característica do filósofo guerreiro:

“Terceiro: eu jamais ataco pessoas.” (EH, p.38)

Certamente, Deus e a moral não são “pessoas”, no sentido humano atribuído à palavra nesse trecho. Finalmente, a quarta característica é:

“Quarto: eu apenas ataco coisas contra as quais todo tipo de diferença pessoal é excluído, contra as quais não existe qualquer segundo plano relativo a más intenções.” (EH, pp. 38-9)

Esta quarta característica parece mais uma justificativa do que uma peculiaridade do guerreiro. É como se Nietzsche estivesse tentando se desculpar com os cristãos a respeito de seus ataques, deixando claro que não era nada contra eles, mas contra o inumano neles. Isso fica ainda mais evidente se continuamos na leitura do parágrafo, ainda mais quando ele fala de suas “boas relações” com os “cristãos mais sérios”:

“Atacar é uma prova de bem-querer em mim e, conforme as circunstâncias, de agradecimento. Eu honro, eu distingo com o fato de unir meu nome a uma coisa, a uma pessoa : contra ou a favor.”(EH, p. 39)

“- os cristãos mais sérios sempre foram ponderados em relação a mim.” (EH, p. 39)

Esse Nietzsche que se via como um ser superior ao homem comum, que se identificava por si mesmo como um deus, a única esperança da humanidade, porém, se via como um incompreendido – e, provavelmente, foi esta a razão maior da escritura de *Ecce Homo*. Ele diz:

“Mas, seria um contradição total a mim mesmo esperar ouvidos e mãos para as minhas verdades já hoje em dia: o fato de hoje não me ouvirem, o fato de ao saberem o que fazer de mim não é apenas compreensível, ele inclusive me parece ser a coisa mais correta.” (EH, p. 69)

Este parece ser o trecho em que Nietzsche mais se identifica com o Crucificado em *Ecce Homo*. A Bíblia assim descreve a aceitação de Jesus na terra:

“Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas escrituras “A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular.”?” (Mateus 21: 42)

“Se alguém lhe disser: Que feridas são essas nas tuas mãos? Responderá Ele: São as feridas com que fui ferido na casa dos amigos meus.” (Zacarias 13: 6)

“Replicou-lhe Pilatos: Que farei eu, então, deste Jesus chamado o Cristo?” (Mateus 27: 22)

E, assim como Jesus deixou claro, segundo o registro bíblico, no final de sua vida na cruz que não se magoava e não se importava com a reação daqueles que não o compreenderam, Nietzsche faz crer que ele também não se importa.

Como se vê, *Ecce Homo* é a descrição do nascimento de um deus, mas não apenas um deus novo: de um deus substituto, com regras substitutas e uma pretensa felicidade substituta para a humanidade que nunca poderiam ser proporcionadas pelo Deus que ele pretendia substituir. É importante compreender isso nesta parte deste artigo em que terminamos a apresentação de Nietzsche por ele mesmo, porque agora importa a idéia que esse homem tinha da pretensa “originalidade absoluta” de suas concepções. E é justamente isso que o artigo pretende focar.

Já vimos, acima, que o filósofo se pretendia como o único que jamais tinha alcançado a “verdade”. Isso, por si só, pressupõe originalidade absoluta. Mas, em outro trecho, Nietzsche deixa essa questão da originalidade ainda mais evidente:

“Zaratustra foi o primeiro a ver na luta entre o bem e o mal a verdadeira roda motriz na engrenagem das coisas – a transposição da moral para o metafísico, na condição de força, causa e objetivo em si, é obra sua.” (EH, p. 146)

“O que me separa, o que me coloca à parte de todo o resto da humanidade, é haver descoberto a moral cristã.” (EH, 151)

E, a esta altura desta Introdução, parece que estamos prontos para a apresentação, afinal, dessa tal “verdade” de Nietzsche, o seu argumento maior, aquele que perpassa toda sua obra e no qual todos os seus outros argumentos se baseiam, a razão de sua “declaração de guerra”. E somente vamos encontrá-lo em sua formulação mais límpida na voz de Zaratustra:

“Para aprender a crer na vossa “veracidade” necessitava ver-vos romper com a vossa vontade veneradora.

Por mim, chamo de verídico àquele que vai para os desertos sem Deus, aniquilando o seu coração reverente.

No meio da amarela arena e abrasado pelo sol acontece-lhe olhar com avidez para as ilhas de copiosas fontes, sob umbrosas árvores repousa a vida.

Faminta, violenta, solitária, sem deuses: assim se quer a si própria a vontade-leão.” (AFZ, p. 94)

Como se pode notar, o argumento é, em essência, bem simples: “o homem com Deus se faz fraco e decadente; o homem sem Deus se faz forte e cada vez melhor.” Este argumento pode assim ser explicado:

1. a própria existência do conceito de Deus no “deserto” da vida, isto é, diante dos problemas, gera no homem uma vontade veneradora que, para Nietzsche, é antinatural e antivida, porque essa vontade veneradora inibe a ação natural do homem em favor de si mesmo ;
2. ao libertar-se totalmente de Deus e da vontade veneradora que Ele gera no homem, esse mesmo homem estaria se habilitando a descobrir a verdadeira “vida” que há no exercício de viver;
3. posto faminto, porque não saciado por um Deus e posto sozinho, porque não acompanhado por forças sobrenaturais, o homem teria necessidade de superar-se a si mesmo, tornando-se o super-homem (o Übermensch, o homem-além-do-homem), porque não estaria sendo humilhado, aniquilado por um Deus, mas teria que ser, ele mesmo, seu próprio deus. Despertaria nele a vontade-leão, a força maior do homem.

Minha preocupação aqui deve ficar bem clara: não é avaliar os valores morais que existem nesse argumento, a que eu chamo de “argumento luciferiano” e com o qual - também deve ficar bem claro - não concordo, mas em mostrar que ele não é original, como Nietzsche apregoava ser. Avaliar os efeitos e as conseqüências da adoção desse argumento como regra de vida pela humanidade não é trabalho para este artigo. Apenas ressalto que a pré-existência desse argumento, devidamente registrada e como será aqui demonstrado, reduz em grande monta a importância que o próprio Nietzsche dava à sua obra e a si mesmo. E é isto que passaremos a ver doravante.

## 1. O Argumento Luciferiano Original.

O nome Lúcifer não ocorre na Bíblia. É, na verdade, uma tradução do epíteto “Filho da Alva”, ocorrente em Isaías 14: 12. Entretanto, sua popularização no mundo cristão e não cristão nos permite utilizar, sem maiores problemas, esse nome relacionado ao anjo ao qual alguns escritores bíblicos atribuíram o pecado original de insubmissão a Deus e a Sua lei, antes mesmo da criação do mundo.

As informações bíblicas dadas como correspondendo à pessoa de Lúcifer, antes e no período de sua rebelião contra Deus, e ao pecado original são resumidas. Seus registros são feitos no livro do profeta Isaías, no capítulo 14, versos 12 a 20 (datado de 713 a.C.), no livro do profeta Ezequiel, no capítulo 28, versos 1 a 19 (datado de 588 a.C.) e no livro do Apocalipse, ou da Revelação, capítulo 12, versos 4 e 7 a 9 (datado de 96 d.C.). Outras citações bíblicas acerca de Lúcifer referem-se ao período após o pecado do homem.

A descrição que a Bíblia faz de Lúcifer é de um ser superior, um anjo destacado e especial que desfrutava de privilégios e bênçãos igualmente especiais que o diferenciavam dos demais. Ele é assim apresentado:

“Tu eras querubim unguido para proteger, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado.”(Ezequiel 28: 14 e 15)

“Mais sábio és que Daniel; não há segredo algum que se possa esconder de ti. Pela tua sabedoria e pelo teu entendimento alcançaste o teu poder.” (Ezequiel 28: 3 e 4)

Outras referências ainda no capítulo 38 de Ezequiel fazem menção à formosura de Lúcifer. Todas essas características especiais, porém, não faziam de Lúcifer um igual-a-Deus. O que poderíamos esperar, tomando como base os princípios da moral cristã, é que um conjunto tão grande de bênçãos advindas da parte do Criador gerasse um profundo sentimento de gratidão e reconhecimento. Em diversas ocasiões, os registros bíblicos fazem menção a ações de graças e submissão voluntária dos homens como forma de gratidão a Deus por suas bênçãos.

Mas, a despeito de todas as suas virtudes, ele era colocado abaixo do Criador, servindo-O como os demais anjos faziam. E a história Bíblica diz que é neste fato de ser submisso a Deus, embora tão maravilhoso em formosura e sabedoria, ou melhor, de não aceitar essa submissão como sendo constrangedora e limitante, que reside o princípio do mal universal e a insubmissão a Deus como pecado original. A descrição da insubmissão é assim dada nos escritos bíblicos:

“Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor.” (Ezequiel 28: 17)

“Visto como se eleva o teu coração e dizes: Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento... e estimas o teu coração como se fora o coração de Deus.” (Ezequiel 28: 2)

“Pois que estimas o teu coração como se fora o coração de Deus.” (Ezequiel 28: 6)

“E tu dizias no teu coração: eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.” (Isaías 14: 13)

A descrição bíblica é bem clara em relação ao que é atribuído a Lúcifer como insubmissão original. A despeito de sua posição já elevada, o escrito bíblico dá a entender que Lúcifer alimentava uma profunda insatisfação em relação à sua própria condição. A superação de sua condição, que, ele pensava, poderia torná-lo um igual-a-Deus, requeria a negação e a superação de Deus.

O princípio dessa tentativa de superação teria sido a auto-consideração como sendo um igual-a-Deus, que é expressa na afirmativa “estimas o teu coração como sendo o coração de Deus”. O segundo passo, que se segue à auto-consideração como Deus, é a negação da autoridade de Deus, de sua lei e, por conseguinte, de sua moral. O “trono” é um claro símbolo de autoridade e direito de legislar nos relatos bíblicos. Seguindo o raciocínio desses relatos, ao colocar-se a si mesmo sentado “na cadeira de Deus”, Lúcifer estaria:

1. negando a autoridade de Deus, sua lei e sua moral;
2. estabelecendo-se como uma nova autoridade, devidamente capacitada para estabelecer novos parâmetros de lei e de moral e;
3. estabelecendo-se como igual-a-Deus e substituindo-o.

Assim Lúcifer acabaria dominando o universo no lugar de Deus, estabelecendo-se “acima das estrelas de Deus”, ou seja, acima dos demais anjos.

É interessante notar que Lúcifer (assim como o fez Nietzsche), não aparece no relato bíblico como desejando ser “maior do que Deus”. É como se, tacitamente, se reconhecesse que a perfeição absoluta está diretamente vinculada ao conceito de “Deus”, como ele aparece no mundo cristão e nas culturas que observam os escritos bíblicos do Velho Testamento, como é o caso de certos povos médio-orientais. Lúcifer queria, segundo o relato, ser um igual-a-Deus, sentar-se no trono de Deus, ter o poder de Deus sobre as demais criaturas, estabelecer novas leis como se fosse Deus. Se usássemos as palavras de Nietzsche, diríamos que Lúcifer cria que estava pronto para governar o universo após a “morte” de Deus.

Assim se construiu o argumento Luciferiano original. A idéia de que a existência de Deus, sua autoridade e suas leis subjugam as criaturas a uma espécie de “décadence” escrava, fomentou a contra-idéia de que a morte de Deus permitiria a Lúcifer assumir uma posição de perfeição total e grandeza inigualável por outra criatura. Ele se tornaria o super-anjo, em analogia ao super-homem de Nietzsche.

Comentando o argumento luciferiano original, a teóloga americana Ellen G. White , contemporânea de Nietzsche, afirma que, com base no relato bíblico sobre o pecado original universal, Lúcifer demonstrava não poder mais suportar a lei de Deus sobre si e as imposições que ela lhe representava, mesmo que fossem as mais amorosas possíveis. O pressuposto dessa insubordinação era a necessidade de substituição da lei divina por uma outra de liberdade total e sem restrições (e “eterno-sim e amém” de Nietzsche), fundamentado na idéia de que a perfeição e a consciência naturais dos anjos seriam suficientes para guiá-los a um pretendido “estágio mais avançado” do que aquele em que se encontravam.

Ao que tudo indica, Lúcifer, para fazer valer seu argumento de insubordinação a Deus, estava pronto a lutar todas as guerras que foram necessárias. A Bíblia continua o relato do pecado original universal afirmando que o argumento luciferiano original foi muito bem sucedido no céu. As passagens bíblicas que se referem a isso são as que seguem:

“E a sua cauda (do dragão) levou após si a terça parte das estrelas do céu.” (Apocalipse 12: 4)

“E houve guerra no céu. Miguel e seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e seus anjos. Mas, estes não prevaleceram, e não se achou mais seu lugar no céu.” (Apocalipse 12: 7 e 8)

Creio ser oportuno esclarecer aqui, até porque esse esclarecimento será necessário ao subtítulo que segue, que quando a Bíblia fala de “dragão”, está falando de Lúcifer. Isto é apresentado logo a seguir no Apocalipse:

“E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra e seus anjos foram precipitados com ele.” (Apocalipse 12: 9)

Isto esclarecido, podemos voltar aos versículos anteriores. O primeiro (Apocalipse 12:4), fala do fato de que um terço dos anjos do céu teria sido convencido pelo argumento luciferiano original e, por isso, “arrastado do céu pela sua cauda”. Levando-se em consideração que a própria Bíblia apresenta o número dos anjos de Deus como “milhares de milhares e milhões de milhões”, esse número de um terço, dado como prova da força e eficácia do argumento luciferiano, não é nada desprezível.

Em seguida, a história bíblica fala da disposição de Lúcifer em guerrear por seu argumento. O verso 7 diz que houve “guerra no céu”. Mas, guerra entre quem? O verso 8 fala de dois exércitos: Miguel e seu exército (ou seja, Cristo e seus anjos) e o dragão e seu exército, ou seja (Lúcifer e os anjos convencidos pelo seu argumento). A Bíblia apresenta o exército de Cristo como vencedor e o banimento de Lúcifer e seus anjos do ambiente celestial.

Agora, Lúcifer não seria mais chamado de “Lúcifer”, ou “Filho da Alva”, mas passaria a ser conhecido como Satanás, ou “adversário”. Como disse anteriormente, não pretendo aqui fazer uma avaliação moral ou da veracidade histórica do argumento luciferiano em si ou dos fatos relatados na Bíblia e dos valores neles implícitos. Só o que pretendo mostrar é que o argumento luciferiano, o mesmo utilizado por Nietzsche (como vimos em parte anterior e veremos detalhadamente a seguir) estava construído e registrado em escritos de sete séculos (Isaías) e cinco séculos (Ezequiel) antes de Cristo, e um século (João de Patmos) depois de Cristo. Logo, o ataque contra Deus, Sua lei e a moral que dela advém não pode ser considerada original em Nietzsche.

Entretanto, o relato bíblico do pecado original universal não é o único que faz registro do uso do argumento luciferiano. A Bíblia, no relato do pecado original do homem, no Éden, também aciona esse argumento, como veremos a seguir.

## 2. O Argumento Luciferiano no Éden Bíblico

Como vimos acima, a insubmissão de Lúcifer ocorre antes do pecado do homem. Ele, Lúcifer, teria sido precipitado sobre a terra como o grande Adversário e, passaria a dedicar seus esforços em malefício da humanidade. O relato da insubmissão do homem se encontra no livro de Gênesis, no capítulo 3, versículos 1 a 8 (datado de em cerca de 1.480 a.C.)

A descrição bíblica da criação do homem retrata uma imagem de grande harmonia e perfeição. A Bíblia diz que Deus considerava tudo o que tinha sido feito “muito bom”. Se levarmos em conta que Deus era tido como padrão supremo de perfeição – inclusive para o próprio Lúcifer, como vimos – “muito bom” assume um grau de excelência absoluta.

Segundo Bíblia, assim como Lúcifer no céu, o primeiro casal vivia em estado privilegiado e cercado de regalias, em profunda interligação e submissão a Deus. A interligação e a submissão, assim como a existência de princípios morais e de conduta, é claramente expressa nos versos que seguem:

“E tomou o Senhor Deus o homem e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e guardar. E ordenou o Senhor Deus ao homem dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás, porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (Gênesis 2: 15 a 17)

Como se vê, no Éden não imperava o “eterno-sim e amém”. Havia pelo menos duas normas estabelecidas: a ordem de cuidar do jardim e a proibição de comer do fruto de uma certa árvore. Havia restrições. Foi justamente por essa razão que o argumento luciferiano, o mesmo relatado como tendo sido utilizado anteriormente no céu e que é contra o dizer-não, logo, que é o argumento do “eterno-sim e amém”, encaixa-se tão bem no relato bíblico. A história bíblica traz detalhes de como esse argumento teria sido introduzido entre os homens:

“Ora, a serpente era a mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor tinha feito. E esta disse à mulher:

- É assim que Deus disse: Não comerás de toda a árvore do jardim?

E disse a mulher à serpente:

- Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais.

Então a serpente disse à mulher:

- Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.

E vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e considerando-a árvore desejável para dar entendimento, tomou de seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela.” (Gênesis 3: 1 a 6)

A profusão de detalhes relativos ao argumento luciferiano aqui é espantosa.

Em primeiro lugar, a Serpente faz a mulher dar-se conta da existência de restrições: “É assim que Deus disse: Não comereis de todas as árvores do jardim?”. Ao raciocinar sobre a pergunta da Serpente, a mulher pode-se dar conta de que, embora sua liberdade de ação seja visivelmente muito maior do que o conjunto de

restrições, as restrições estão ali, elas são reais. E a pergunta da Serpente faz a mulher crer que é justamente nesse pequeno espaço limitado pelas restrições de Deus que pode estar a verdadeira grandeza da criatura, a essência da liberdade e da superação de si mesmo.

No segundo momento, a Serpente toma a resposta da mulher sobre o “certamente morrereis” como uma acusação direta de um suposto interesse de Deus em manter a espécie humana subjugada, escravizada, distante das suas possibilidades máximas naturais de desenvolvimento. A Serpente acusa o Criador de “fazer sombra” aos homens, impedindo-os de conhecer a verdade, a verdadeira grandeza, de galgar os seus limites. E o Criador teria feito isso de duas formas: 1. mentindo: “Certamente morrereis”, quando a verdade seria outra: “Certamente não morrereis” e; 2. utilizando a mentira com poder de chantagem: a obediência incondicional em troca da vida.

A Serpente, então, insinua que essa restrição que Deus faz sobre suas criaturas pode ser quebrada se, tão-somente, as ordens do Criador forem desacatadas. Isso implicava, pelo menos, cinco coisas:

1. a “morte” de Deus para o homem, e não a do próprio homem por Deus;
2. a conseqüente “morte” da lei de Deus e da moral que desta advém;
3. a retirada do destino humano da “sombra de Deus” e seu reposicionamento nas próprias mãos humanas;
4. a superação de si mesmo com o conhecimento do bem e do mal, ou seja, da verdade absoluta e;
- 5 como detentor da verdade absoluta, a possibilidade de auto-superação do homem e a geração de uma nova raça de homens “além-dos-homens”, pois agora, seriam estes homens iguais-a-Deus (“E sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.”).

Como se pode ver, esse é o argumento luciferiano original em sua essência e plenitude.

A visão da Serpente sobre Deus, da forma como foi elaborada no texto de Gênesis, é revista em Nietzsche com a seguinte formulação:

“A noção de “Deus”, inventada como noção antítese à vida – tudo nocivo, tudo venenoso, caluniador, toda a hostilidade moral contra a vida enfeixada em uma unidade horrível.” (EH, p. 153)

A mulher, então, convencida pelo argumento da Serpente, não somente come do fruto, como o dá ao homem, que também dele come. E, na seqüência:

“Então, foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus.” (Gênesis 3: 7)

O relato de Moisés no Gênesis, como disse, remonta a um período próximo de 1.480 a.C. Esse relato de utilização do argumento luciferiano – pois ele está ali, em sua essência, de forma incontestável – demonstra como a idéia de que o homem sem Deus se superaria a si mesmo por pura necessidade e se tornaria um super-homem, um igual-a-Deus, é antiga - muito mais antiga - do que Nietzsche faz-nos pensar que ela era.

### 3. O Argumento Luciferiano em Nietzsche (de novo e mais fundo)

Agora que já vimos como o argumento luciferiano original e sua reedição no Éden aparecem nos antigos relatos bíblicos, neste subtítulo, quero retomar de forma mais completa esse argumento como formulado por Nietzsche em “Assim Falava Zaratustra”, já que, como vimos, este era seu legado preferido. Essa retomada dará oportunidade para alguns comentários complementares e permitirá ao leitor uma visão mais completa da formulação nietzscheana do argumento luciferiano e sua aplicação em sua obra-prima. Creio não ser necessário retomar aqui a essência do argumento luciferiano como aparece em AFZ, conforme o apresentei na Introdução deste artigo. Vamos partir dessa idéia geral do argumento como já trabalhada para os passos que Nietzsche define para o homem comum tornar-se o super-homem.

Em primeiro plano, Nietzsche ataca diretamente o conceito de Deus. Como vimos, ele achava necessário livrar-se Deus e de que qualquer outra forma de reverência a qualquer coisa que fosse, para que o homem fosse forçado, por necessidade, a superar-se, com seu próprio instinto, com sua força natural, guiado pela própria consciência. Então, Nietzsche configura Deus como um traço da imaginação humana, como uma mera conjectura. Ele assim apresenta o conceito de Deus:

“Deus é uma conjectura; mas eu quero que a vossa conjectura não vá mais longe do que a vossa vontade criadora. Poderíeis criar um Deus? Pois então não me faleis de deuses! Poderíeis, contudo criar um Super-Homem. Deus é uma conjectura; mas eu quero que a vossa conjectura se circunscreva ao imaginável. Poderíeis imaginar um Deus? Signifique, para vos outros, a vontade de verdade, que tudo se transforme no que o homem pode pensar, ver e sentir! Deveis cuidar até o ultimo dos vossos próprios sentidos.” (AFZ, p. 80)

Tomado como uma conjectura e não com um ser real, Nietzsche acreditava ser mais fácil aos homens abandonar o conceito de Deus, sem culpas, sem prejuízo. Porém, mais do que isso, Nietzsche caracteriza essa conjectura de Deus como uma conjectura malévola, um perigo ao ser humano. Um Deus concebido como alguém verdadeiramente ímpio, a despeito das tentativas - humanas e divinas - de ser mostrado como bom. Há trechos bastante reveladores dessa idéia em AFZ:

“Na verdade, a minha morte será afogar-me em riso, vendo asnos embriagados e ouvindo assim morcegos duvidarem de Deus. Não passou há muito o tempo de tais dúvidas? Quem teria ainda o direito de despertar do seu sono coisas tão inimigas da luz? Há muito que se acabaram os antigos deuses, e na verdade tiveram um bom e alegre fim divino. Não passaram pelo “crepúsculo” para caminhar para a morte – é uma mentira dizê-lo! - - Pelo contrário: mataram-se a si mesmos a poder de... riso! Sucedeu isso quando chegaram a pronunciar-se por um deus as palavras mais ímpias – as palavras: Só há um Deus! Não terás outros deuses a par de

mim. Um deus velho, colérico e zeloso, que se excedeu a esse ponto. Então todos os deuses se puseram a rir, e agitando-se em seus assentos, exclamaram: ‘ Não se baseia precisamente a divindade em haver deuses e não Deus?’”(AFZ, p. 157)

E, ainda:

“Quando moço, esse Deus do Oriente era ríspido e estava sedento de vingança: criou um inferno para deleite dos seus prediletos. Por fim fez-se velho e brando e terno e compassivo, assemelhando-se mais a um avô do que a um pai, e até mais a uma avó decrépita.” (AFZ, p. 218)

A idéia fundamental desses ataques ao conceito de um Deus como o conceito hebraico seguido pelo cristianismo parece ser a sua caracterização como algo que, além de inútil, era perigoso ao homem. Mesmo tentando se fazer, nos últimos tempos, de um Deus compassivo, esse Deus hebraico, “do Oriente”, era, na verdade, prejudicial justamente por ser presumidamente tão grande e poderoso e zeloso de seu próprio nome e benévolo e longânimo, fazendo, como disse, uma “sombra” que impedia o crescimento dos homens. Por isso, era essencial para Nietzsche “matar” esse Deus. Não matá-lo fisicamente. Isso pouco importava a Nietzsche. A idéia era matá-lo na mente dos homens: “romper com a vossa vontade veneradora; aniquilando o vosso coração reverente.”

Porém, a despeito de muitos homens já terem conseguido isso em si mesmos, e Nietzsche costumava citar os franceses da Revolução como um exemplo disso, o filósofo temia que o homem estivesse criando outros deuses para si. Pensando, provavelmente, nos próprios - e por ele tão amados - franceses da Revolução, um dos deuses que poderiam fazer sombra para o homem era o próprio Estado. Nietzsche chamou o estado de “monstro”. Sobre o Estado, ele afirma:

“‘Na terra nada há maior do que eu; eu sou o dedo ordenador de Deus’ – assim grita o monstro. Sim: adivinha-vos a vós também, vencedores do antigo Deus. Saístes rendidos do combate e agora a vossa fadiga ainda serve ao novo ídolo.” (AFZ, p. 53)

Um outro problema visto por Nietzsche era de que os homens, no processo de superação de si mesmos, alcançassem tal progresso que acabassem criando, para si próprios, um mundo que lhes servisse de deus, um mundo ao qual venerariam. Mais uma vez, o ataque do filósofo é incisivo. Ele chama essa necessidade de veneração de “embriaguez”, mas uma embriaguez que estava sendo curada, segundo ele:

“Eis aqui a vossa vontade, sapientíssimos, como uma vontade de poder; e isto ainda que faleis do bem e do mal e das apreciações de valores. Quereis ainda criar um mundo perante o qual possais ajoelhar-vos: é esta a vossa última esperança e a vossa última embriaguez.” (AFZ, p. 102)

O princípio de tudo, porém, era mesmo a destruição de Deus, de Sua lei e da moral que dela advém. Então, como era urgente destruir na mente dos homens toda vontade veneradora, de quaisquer que fossem os deuses, Nietzsche resolve declarar morto a Deus e aos outros deuses e declarar os motivos dessas mortes. E, para Nietzsche, o nascimento do super-homem seria uma conseqüência natural da morte da vontade veneradora na humanidade:

“Que é que toda gente sabe hoje? – perguntou Zaratustra. – Talvez já não esteja vivo o Deus antigo, o Deus em que dantes acreditava toda a gente? Sabes como morreu? É certo o que se diz, que o asfixiou a compaixão? O ver o homem suspenso na cruz e não poder suportar que o amor pelos homens viesse a ser o seu inferno e afinal a sua morte?”(AFZ, 216-7)

“ ‘Todos os deuses morreram; agora viva o Super-Homem!’ Seja esta, chegado o grande meio-dia, a vossa última vontade.” (AFZ, p.76)

É interessante notar que na passagem sobre “a asfixia de compaixão” Nietzsche está abrindo caminho para um conceito que vai ser mais claramente desenvolvido no *Ecce Homo*: o conceito de “egoísmo natural”. Segundo o filósofo, todos somos fisiologicamente egoístas. Cada parte de nós luta pela sobrevivência, cada parte de nós é egoísta. Isso é natural e não deveria despertar culpa no homem. Ele diz, em *Ecce Homo*, que a piedade é uma virtude apenas nos decadentes. Assim também seria Deus no princípio: um Deus egoísta. Mas, quando Deus tentou se fazer de compassivo, teria se asfixiado na própria compaixão. A lição da morte de Deus, segundo Nietzsche, deveria servir aos homens. Nada de compaixão, nada de altruísmo, nada de dizer-se não: apenas o “eterno-sim e amém”, a satisfação do nosso egoísmo natural que seria guiado pela “vontade-leão”. Livre de todo e qualquer deus e de toda e qualquer compaixão, o homem poderia, enfim, alcançar as alturas:

“Eu aprendi a andar; por conseguinte corro. Eu aprendi a voar, por conseguinte não quero que me empurrem para mudar de sítio. Agora sou leve agora vôo; agora vejo por baixo de mim mesmo, agora salta de mim um Deus.” (AFZ, p. 46)

Nietzsche parecia ver nesse processo de transformação um caminho sem volta a partir de sua obra. Ele se via como um marco divisor na história. Como aniquilador do mundo antes dele e reconstrutor de um novo mundo, com um novo homem, o filósofo cria que todo o homem sedento de crescimento, mais cedo ou mais tarde, acabaria abandonando o conceito de Deus e seguindo a “Zaratustra”. Ele assim caracterizou essa esperança pessoal:

“Porque a caminho para ti se encontra também o último resto de Deus entre os homens; quer dizer, todos os homens de grande anelo, do grande tédio, da grande sociedade. Todos os que não querem viver sem poder aprender a esperar novamente; a aprender contigo, Zaratustra, a grande esperança.” (AFZ, 235)

Entretanto, o mesmo Nietzsche parecia antever que suas idéias não seriam aceitas por todos. A um número significativo de pessoas inferiores, a que ele chamava ora de “populaça”, ora de “gentalha”, o pensador não atribuía qualquer possibilidade de esperança, pois eles manteriam, até sua própria morte, a idéia de um Deus bem viva em suas mentes, e alimentariam, assim, a idéia de que o super-homem é um “demônio”. Apenas aqueles que viessem a compreender a profundidade das palavras de Zaratustra seriam capazes de se tornar homens superiores. Estes não deveriam se preocupar com os demais: pelo contrário, deveriam deles se afastar:

“Homens superiores, aprendei isto comigo; na praça pública ninguém acredita em homens superiores. E se teimais em falar lá, a população diz: ‘Todos somos iguais’ . ‘Homens superiores – assim diz a população – todos somos iguais; perante Deus um homem não é mais do que o outro: todos somos iguais!’ Perante Deus! Mas agora esse Deus morreu; e perante a população nós não queremos ser iguais. Homens superiores, fugi da praça pública! Perante Deus! Mas agora esse Deus morreu! Homens superiores, esse Deus foi o vosso maior perigo. Ressuscitastes desde que ele jaz na sepultura. Só agora torna o Grande Meio-Dia; agora torna-se o senhor o homem superior. Homens superiores! Só agora vai dar a luz a montanha do futuro humano. Deus morreu: agora nós queremos que viva o super-homen.” (AFZ, pp. 238-9)

Em *Ecce Homo*, ele faz, entre outras tantas sobre o asco que sentia pela “gentalha” uma declaração que corrobora a passagem acima:

“Não é a todos que é dado ter ouvidos para Zaratustra.” (EH, p. 19)

Mas, retomemos o “Grande Meio-Dia”, o momento máximo da luz da humanidade, de uma luz que, para Nietzsche estava dentro dos próprios homens e que era mantida oculta pela mera existência do conceito de Deus. Uma luz como a da aurora, da “alva”. Via-se Nietzsche a si mesmo como “o Filho da Alva”, o propagador da luz, da luz que supostamente nasceria no homem pela morte de Deus. A luz que irradiaria da montanha dos homens e não mais do “Monte Santo de Deus”. “E tu dizias no teu coração: eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.” (Isaías 14: 13)

#### 4. A Identidade entre Zaratustra e Lúcifer (pelo próprio Nietzsche)

A esta altura das considerações, é inevitável a associação de Zaratustra, a voz mais audível do filósofo, e Lúcifer, o arquiteto do argumento luciferiano original, conforme aparece na Bíblia. Creio que as passagens que citei acima, tanto de Nietzsche como da Bíblia, seriam suficientes para essa identificação. Mas, há passagens mais explícitas de Nietzsche que podem ser evocadas aqui. Vejamos algumas delas retiradas de *Ecce Homo*:

“Eu sou a antítese de uma natureza heróica.” (EH, p. 64)

“(Tenho) o direito de reivindicar para mim a palavra grandeza.” (EH, p. 66)

“Zaratustra, o aniquilador da moral.” (EH, p. 72)

“Eu sou o primeiro imoralista.” (EH, p. 93)

“Eu sou o aniquilador par excellence.” (EH, p. 146)

“Eu reconheci que havia chegado o tempo de me voltar para mim mesmo.” (EH, p. 99)

“A gente paga caro por ser imortal.” (EH, p. 118)

“Zaratustra se sente a mais alta espécie de tudo aquilo que é.” (EH, p. 121)

Embora tais passagens ora refiram-se nominalmente a Nietzsche, ora a Zaratustra, todas elas, em essência, falam de um mesmo caráter. Todas são altamente identificadoras de Zaratustra com as características atribuídas biblicamente a Lúcifer. A sensação de ser maior que os outros, a ausência de abnegação e compaixão, o desejo de aniquilação de Deus, da lei e da moral que desta procede, o desejo de voltar-se de um Deus para si mesmo e suas próprias vontades, a presunção da imortalidade que somente pertenceria a um criador.

Mas, merece atenção a citação:

“Nem sequer se mostram dignos de atar as sandálias de Zaratustra.” (EH, p. 119)

em que se fala de “atar sandálias”. Essa é uma referência direta à célebre frase de João Batista a respeito de Jesus, registrada na Bíblia em Lucas 3, versículo 16. Nesse ponto, Nietzsche coloca Zaratustra no mesmo nível de Cristo. Essa idéia é corroborada nas passagens:

“Eu sou aquele que traz a boa nova.” (EH., 132)

“Pois eu trago o destino da humanidade sobre os ombros.” (EH, p. 143)

que, obviamente, são, a primeira, uma referência direta a um novo evangelho, uma nova “boa nova”, não mais de Cristo, o Filho do Deus bíblico, mas de Zaratustra e, a segunda, ao fato de que, biblicamente, o pagamento pela remissão do homem recaiu sobre os ombros de Cristo, conforme atesta o livro do profeta Isaías:

“Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.” (Isaías 53: 5)

Essa equalização de si mesmo à pessoa de Cristo, dá abertura para que ele possa afirmar categoricamente:

“Eu sou o anticristo.” (EH, p. 74)

E assim, identificando Zaratustra ao anticristo e a si mesmo, como fica claro na passagem abaixo,

“Zaratustra determina uma vez, com dureza, a sua tarefa – e ela é também minha.” (EH, p.125)

Nietzsche cria uma identidade inegável com o personagem bíblico de Lúcifer, que se opõe abertamente ao personagem de Cristo. Essa oposição entre Lúcifer e Cristo fica clara na passagem bíblica citada anteriormente sobre a guerra no céu entre Miguel e o dragão, assim como a aparece objetivamente na passagem da tentação de Cristo, em Mateus 4, versos 8 a 10:

“Levou-o ainda o Diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto.”

Nietzsche reforça essa oposição contra Cristo e sua identidade com Lúcifer, na sentença final de *Ecce Homo*:

“Fui compreendido? – Dioniso contra o crucificado...” (EH, p. 154)

Mas, tal identidade assume uma forma muito mais impressionante nas palavras do próprio Zaratustra, citadas em EH, p. 123:

“Luz eu sou: Ah se eu fosse noite! Mas, esta é a minha solidude, estar cercado de luz!”

Sobre essa passagem, Nietzsche comenta:

“Coisa semelhante jamais foi escrita, jamais foi sentida, jamais foi sofrida: assim sofre um Deus, um Dioniso.” (EH, p. 125)

## 5. Conclusão

Embora Nietzsche tenha apregoado uma absoluta originalidade em relação ao seu argumento para a construção de um super-homem e alimentado um irrevogável rancor para com a Bíblia, mau grado seu, é justamente na Bíblia, em registros que remontam a cerca de 1.480 anos a.C. (Moisés), que o argumento luciferiano, adotado por Nietzsche como linha mestra de toda sua filosofia, aparece pela primeira vez, repetindo-se em registros de cerca de 700 a.C (Isaías), 580 a.C (Ezequiel).

Essa presença precedente do argumento luciferiano na Bíblia, diminui bastante o valor auto-atribuído por Nietzsche a si mesmo como filósofo e ao seu trabalho como demolidor de valores e criador de uma nova era. Na verdade, o filósofo alemão não apresentou ao mundo um novo e destruidor argumento no corpo de sua obra, tampouco, por isso mesmo, mostrou ser o maior, mais sábio e o mais inteligente de todos os homens, como afirma em *Ecce Homo*. Em sua ânsia de uma pretensa grandeza para a humanidade e no exercício constante da solidude, Nietzsche pode ter deixado passar despercebido que sua obra não era original em sua essência.

## Referências Bibliográficas

Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada de 1999. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

NIETZSCHE, F. (S/D). Assim Falava Zarathustra. Tradução de José Mendes de Souza. São Paulo: Ediouro. (Coleção Clássicos de Bolso)

NIETZSCHE, F. (2005). Ecce Homo: De como a gente se torna o que a gente é. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM Editores. (Coleção L&PM Pocket).

WHITE, Ellen G. (1999). História da Redenção. Tradução de Ivan Shimidt. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira.

# VITRINE

## SUGESTÃO DE LEITURA

### A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO CIENTÍFICO

**GASTON BACHELARD**

Editora Contraponto

**RESUMO:** Fica como um dos elementos provocativos deste livro a afirmação do próprio Bachelard: toda cultura científica deve começar por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir.

**SUMÁRIO:** A noção de obstáculo epistemológico; O primeiro obstáculo: a experiência primeira; O conhecimento geral como obstáculo ao conhecimento científico; Exemplo de obstáculo verbal: a esponja – extensão abusiva das imagens usuais; O conhecimento unitário e pragmático como obstáculo ao conhecimento científico; O obstáculo substancialista; Psicanálise do realista; O obstáculo animista; O mito da digestão; Libido e conhecimento objetivo; Os obstáculos do conhecimento quantitativo; Objetividade científica e psicanálise.

**Áreas de interesse:** Análise do Discurso , Lingüística Indígena, Antropologia.